

> UM RELATO AFETIVO E INTELLECTUAL DOS ANOS INICIAIS

POR ALESSANDRA TRALDI, CARLA DELGADO,
ILANA GOLDSTEIN, LUISA PESSOA E RODRIGO BULAMAH

Ao visitar Ândria, cidade construída com imensa arte e esmero, Marco Polo, o herói de *Cidades invisíveis*, pensou que tudo ali parecia espelhar à risca o firmamento: astros, planetas e constelações inteiras desenhariam as ruas, os edifícios e os lugares públicos. Enxergando nisso uma minuciosa regulamentação da vida cidadina, outra coisa não lhe veio à cabeça senão uma cidade que permanecia imóvel no tempo. “Compreendo bem como vocês, sentindo-se parte de um céu imutável, engrenagens de um meticuloso mecanismo, evitem fazer em sua cidade e em seus costumes a mais ligeira mudança”.

O viajante, porém, não podia estar mais enganado. Os habitantes de Ândria mostraram-lhe os seus feitos inovadores e recém-inaugurados: um bosque de bambus, um teatro de sombras, um porto fluvial, uma estátua de Talete e um tobogã. Com efeito, havia ali, entre cidade e céu, uma correspondência. Porém, nem a cidade espelhava o céu, nem o firmamento se estabelecia como imagem invertida da urbe. Uma cadeia de mudanças os conectava, eles se influenciavam e constituíam mutuamente.

Numa livre analogia com o relato sobre Ândria e seu firmamento, acreditamos¹ que os mundos sociais e as representações simbólicas se estabelecem por meio de relações de mão dupla, nas quais forma e conceito não são dissociáveis e que a dimensão sensível das experiências sociais é fundamental. Aliás, se pensamos no próprio ofício do etnógrafo, o contato com o diferente é também, sempre, um contato estético. Ele seduz, aterroriza, desorganiza “verdades”, transforma. Os antropólogos e antropólogas percebem-se, mesmo que por breves períodos, submersos em outras temporalidades, outros ritmos, outras formas de narrar, outros gestos, sons, imagens, cores e texturas. Tudo isso está relacionado com os aspectos cosmológicos, os processos históricos e as estruturas das sociedades que as gestam, ainda que não de modo causal.

Foi justamente com o intuito de dar espaço a reflexões que trabalhassem nessa perspectiva, e levassem a sério as formas expressivas - tantas vezes relegadas a segundo plano nas ciências sociais - que surgiu a **Proa: revista de antropologia e arte**.

A história da criação do periódico, ainda em 2008, é balizada pela formação antro-

1 Este texto foi escrito pelas pessoas que participaram dos momentos iniciais de concepção da Proa. Se escrevê-lo a dez mãos já foi uma verdadeira gesta, incluir as pessoas que se somaram e consolidaram a Proa nos anos seguintes tornaria esta tarefa interminável. Porém, essa seletividade não diminui em nada nosso maior reconhecimento àqueles e àquelas que participaram desses tempos heroicos. Seus nomes aparecem ao longo do texto. Um agradecimento especial ao Eduardo Dimitrov deve ser tornado público, pois foi com seu esforço que a revista conseguiu consolidar seu formato virtual, circulando pelos mais diversos públicos e instituições, em um momento em que tais esforços eram ainda pequenos ou mesmo inexistentes.

pológica de seus membros. Éramos todos estudantes de antropologia da Unicamp. Como antropólogos e antropólogas em formação, alguns já com pesquisas no campo de estudos da antropologia da arte, engajamo-nos em um projeto editorial coletivo que era impulsionado pelo desejo de trazer a público descrições e análises de sistemas artísticos de mundos ou espaços diferentes.

A semente do que viria a se tornar a **Proa** foi plantada após uma palestra do historiador da arte Jorge Coli no prédio da pós-graduação do IFCH, em 2008. Na ocasião, alguns alunos da graduação e da pós-graduação estavam presentes e fizeram perguntas sobre a “artificação” de objetos etnográficos no Musée du Quai Branly. Entre eles, Ilana Goldstein, Felipe Dittrich, e Luísa Pessoa. Surgiu a partir daí a ideia de formar um grupo de estudos sobre os cruzamentos entre antropologia, formas expressivas, objetos, imagens e coleções – algo que vem se solidificando muito nos últimos anos, mas que, àquela altura, nos parecia terra estrangeira.

Pouco tempo depois, essas e outras pessoas – entre as quais Fabiane Vinente, Alessandra Traldi, Felipe Diettrich, Joanna Lopes da Hora, Guilherme Cardoso e Rodrigo C. Bulamah – passaram a se reunir quinzenalmente ou semanalmente para debater textos de autores contemporâneos que tratassem das formas expressivas – música, fotografia, pintura, escultura, cinema – de um ponto de vista antropológico. Começou-se pelos incontornáveis Franz Boas, Lévi-Strauss, Clifford Geertz, Pierre Bourdieu, Howard Becker, Sally Price, Howard Morphy e Alfred Gell, cujos textos, em grande parte, só estavam disponíveis em inglês. Conforme o grupo se consolidou, ele foi nomeado: GESTAA – Grupo de Estudos de Antropologia e Arte – aproveitando-se do trocadilho com a “Gesta de Asdiwal”, texto de Lévi-Strauss que analisa um mito indígena da costa canadense do Pacífico.

Não é possível compreender o surgimento da revista sem entender como foram se constituindo as discussões do GESTAA, uma vez que éramos o mesmo grupo que, incitados pelas discussões e trocas intelectuais em curso, também concebia coletivamente o periódico. Inclusive, o nome da revista, **Proa**, surgiu como uma referência clara ao artigo “The technology of enchantment and the enchantment of technology”, a primeira leitura que fizemos de Alfred Gell. Nesse artigo de 1992, o autor mostrava como os melanésios encantavam as proas das canoas (que cruzavam os mares para o Kula) via tecnologias artísticas, conferindo aos circuitos de troca toda uma dimensão estética e afetiva que escapava às análises clássicas. Também nós queríamos encantar por meio da produção de nosso periódico. Ainda como um grupo de estudos, já tínhamos um blog em que compartilhávamos informações sobre as leituras e links com notícias, livros e filmes.

Após um ano, decidimos pela criação de uma revista de cunho acadêmico, de acesso livre e on-line – é importante lembrar que, na época, ainda dependíamos de livros impressos da biblioteca e de xerox para textos de referência. Hoje parece banal, mas, há dez anos, ser uma revista on-line significava ultrapassar as limitações do acesso físico. No Departamento de Antropologia da Unicamp conseguimos apoio essencial de John Monteiro, para aquela

que, naquele momento, ainda se chamava “revista do Gestaa”.

Em caso de contribuições internacionais, traduzíamos os textos de forma a ampliar seu alcance para o público brasileiro, especialmente os que ainda estivessem no nível da graduação – são exemplos as entrevistas realizadas com Marilyn Strathern, Benoit de L’Estoile e Sally Price, os textos traduzidos de Howard Morphy, do casal Comaroff, Tamara Levitz e de Shirley Campbell, fora as contribuições originais em língua estrangeira que publicamos desde os primeiros volumes. Ao criarmos a seção Galeria, a ideia era dar espaço, tanto para antropólogos e antropólogas que produzissem materiais de pesquisa com interesse estético, como para artistas cujos trabalhos permitissem reflexões caras à linha editorial da revista.

De certa forma, a **Proa** foi resultado de algumas artimanhas do acaso: primeiro, o campo de estudo de antropologia e arte no Brasil nos parecia novo e fascinante, existindo um vazio de revistas acadêmicas que dessem conta dessa intersecção de um ponto de vista multidisciplinar; segundo, Ilana Goldstein e Carla Delgado de Souza, que fizeram parte do núcleo fundador da **Proa**, estavam levando suas pesquisas de doutorado para esta seara e sentiam na pele a falta de uma plataforma para tratar do tema; caso similar seria o de Eduardo Dimitrov e Leonardo Bertolossi, que entraram no comitê editorial um pouco mais tarde; da mesma forma, Mariana Françoso e Joanna Lopes da Hora, também chegadas após a criação da revista, haviam trabalhado ou iriam trabalhar a partir dali com coleções, museus e produção artística. Já Luísa Pessoa, Rodrigo Charafeddine Bulamah, Alessandra Traldi Simoni e Felipe Dittrich, naquele momento ainda estudantes de graduação e de mestrado, dispunham de tempo e disposição para dar conta das dezenas de tarefas necessárias à criação e manutenção de uma revista, como solicitar o ISBN, enviar, receber e responder e-mails, cobrar prazos, controlar o fluxo do trabalho de pareceristas e autores etc. Entre os anos de 2009 a 2014, tivemos a sorte de contar ainda com outras pessoas que nos ajudaram a colocar o barco no prumo, tendo participado do grupo de estudos e do comitê editorial em diferentes momentos, de modo generoso e criativo: Fabiane Vinente, Guilherme Ramos Cardoso, Magda dos Santos Ribeiro e Marialba Maretti.

Para os mais jovens, os doutorandos, de certa forma, cumpriam o papel de mentores, pacientemente guiando os estudantes de graduação pela complexidade de textos/conceitos aos quais não tinham sido ainda apresentados. Para os mais experientes, a **Proa** representou uma oportunidade de trabalho coletivo, solidário, autônomo, divertido, mas também exaustivo, que foi fundamental para o estabelecimento de conexões na área e para o desenvolvimento de competências editoriais, intelectuais – e diplomáticas.

A primeira chamada de artigos ocorreu em novembro de 2008, com prazo de envio de materiais até janeiro de 2009. Além das clássicas seções de artigos e resenhas, a revista tinha espaço para entrevistas, galerias virtuais e o que foi chamado de “debate”, em que cientistas sociais seriam convidados para discutir questões atuais relacionadas ao seu campo de estudo, como, por exemplo, o caso de Cai Mingchao, colecionador chinês que se recusou a pagar por antigas estatuetas que arrematou em um leilão em Paris sob o argumento de

que as peças eram patrimônio cultural de seu país. Cada número da revista era pensado a partir de um conjunto de questões que poderiam amarrar as sessões de debate, a entrevista e a galeria, sendo que, por vezes, toda a revista ganhava um layout baseado naquilo que veiculávamos.

À medida que as biografias das pessoas foram se construindo e se diversificando, alguns dos membros pioneiros da **Proa** saíram do comitê editorial, outros entraram. O último ano em que o núcleo pioneiro da **Proa** esteve à frente da revista foi 2014. O que nos pareceu muito salutar, pois havíamos aprendido muito e dado o melhor de nós para aprimorar a revista. Porém, nada melhor do que novas ideias e novas energias para continuar uma publicação que precisa estar em constante transformação. Dessa aventura inicial, outros frutos surgiram com alguns dos membros se tornando professores em universidades públicas, outros partindo outras paragens, como o Xingu, Haiti, Holanda...

Um ciclo se fechou após os primeiros cinco números, mas a experiência da **Proa** estará sempre muito presente para nós. Fez diferença, de diferentes modos, para cada um e cada uma. Agradecemos à equipe editorial que nos sucedeu pela imensa competência e pelo carinho com que estão tocando o projeto. E também por terem nos cedido esse espaço, e pela insistência em colocar esse relato no papel, no momento de comemoração dos 10 anos da Revista. Agradecemos ao Departamento de Antropologia e ao PPGAS do IFCH por terem acolhido e apoiado essa iniciativa. Desejamos, por fim, que esse barco construído a tantas mãos continue a navegar por muitos mares, trazendo relatos sobre terras distantes e encantando tanto e tantas com sua bela proa.